



ISSN 1981 - 3031

MÍDIA TELEVISIVA E LINGUAGEM: IMPLICAÇÕES PARA EDUCAÇÃO

Maria Luédna Ferreira de Melo (UFAL)

luedyna@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho apresenta resultados da verificação alusiva à influência (ou não) da TV na linguagem verbal de alunos do ensino fundamental. Fundamentamos a pesquisa em autores da sociolinguística variacionista e das TIC na educação. O principal objetivo foi investigar a influência da mídia na linguagem dos alunos, para com isso poder contribuir para um conhecimento mais consistente sobre a influência dessa mídia na formação linguística dos alunos, e oferecer subsídios sólidos para a formação de professores que atuam na Educação Básica do País. Buscamos identificar os programas preferidos por alunos do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola Municipal de Maceió; analisamos a influência (ou não) da mídia televisiva nos casos de variação linguística. Constatou-se que nos lares dessas crianças existe de uma a quatro TVs, mostrando que as crianças estão expostas a TV de forma rotineira. As crianças assistem mais de 7 horas diárias, o gênero preferido foi o gênero desenho. O programa mais citado foi o Pica-Pau. Mesmo exposta há um tempo enorme à televisão, os resultados não indicam que a mídia possa influenciar de forma significativa a variedade usada pelas crianças entrevistadas.

Introdução

A pesquisa foi desenvolvida no período de julho de 2008 a agosto de 2009, tendo como espaço de investigação uma escola da Rede Pública de ensino do nível Fundamental, localizada na cidade de Maceió. Para a coleta de dados, fizemos entrevistas semi-estruturadas, através da aplicação de questionários, contendo perguntas abertas e fechadas, bem como o registro dessas entrevistas. Como abordagem metodológica, adotamos a pesquisa quanti-qualitativa, porque envolveu a obtenção de



ISSN 1981 - 3031

dados quantitativos e também de dados qualitativos, que foram obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada.

A pesquisa foi fundamentada em pressupostos teóricos oriundos tanto da sociolinguística variacionista, sobretudo, da vertente denominada de sociolinguística educacional. Dentre os muitos pesquisadores que se debruçam sobre fenômenos de variação linguística, citamos Bagno (2007); Bortoni-Ricardo (2001, 2004), Labov (1974, 1983). Além dos pressupostos da Sociolinguística, em função da natureza do nosso objeto de estudo, que ocorre na interface mídia televisiva, linguagem e educação, também lançamos mão de estudos que focalizam questões relacionadas ao uso das TIC, especialmente, ao uso da mídia televisiva na educação, dentre os quais, Belloni (2001), Rocco (2004, s.d), Lopes (2003) Guimarães (2001).

Pretendemos apresentar possíveis contribuições para uma análise mais profunda da relação entre variação linguística e televisão, pois defendemos que a investigação sobre a influência da mídia televisiva na linguagem verbal de alunos, necessita de uma abordagem teórico-metodológica múltipla porque o fenômeno a ser estudado ocorre na interface televisão/linguagem/educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola onde foi realizada a coleta de dados pertence à rede Estadual de ensino da cidade de Maceió e fica localizada no bairro Vergel, que atende a alunos do ensino fundamental e EJA. Essa escola é de pequeno porte, não dispendo de espaço amplo para atividades extraclasse, mas possui salas de aula relativamente adequadas, bem como salas de vídeo com TV e outros equipamentos. Observa-se que as condições de funcionamento, manutenção e conservação são consideradas boas.

O perfil dos alunos entrevistados é semelhante à de milhões de pessoas que são desprovidas de recursos materiais. Com relação à situação socioeconômica, os



ISSN 1981 - 3031

entrevistados se enquadram no nível social de milhões de brasileiros pertencentes à classe mais desprovida de bens e recursos dos mais variáveis e encontram-se na faixa etária de 07 a 08 anos, cursando o 2º ano do ensino fundamental. São crianças que se expressam oralmente sem nenhuma dificuldade, embora, alguns demonstrem dificuldades em relação às atividades de escrita e em menor grau nas de leitura, o que é considerado normal para a faixa etária.

Através do questionário é possível constatar que todos os alunos têm procedência urbana, tendo como cidade natal à capital Maceió. A turma observada era composta por 35 alunos que frequentavam as aulas regularmente. Após algumas observações na escola, exclusivamente, dentro da sala de aula, aplicamos um questionário com 11 questões abertas e fechadas.

Há um consenso entre os estudiosos que todos nós estamos subordinados a ação da mídia, especialmente a televisiva. Mas, se observamos para os mais jovens e desprovidos economicamente, essa ação da mídia é decisiva para a constituição da identidade e influência dos mesmos. Isso é visível no próprio modo de se vestir, de “falar”, de se posicionar desses grupos. Por isso, a questão dos recursos midiáticos deve ser pensada na escola, para que a TV adentre os muros da escola, introduzindo o material veiculado nessa mídia com fonte de aprendizagem que seria tão significativa para os alunos, já que cotidianamente estão em contato com o recurso. Nesse caso, aproximariamos os conteúdos que têm conhecimento e contato no aprendizado escolar.

Segundo dados do IBGE (2007) referentes ao Censo de (2002), mais de 90% dos lares brasileiros possuem televisão (doravante TV). Fato que, se por um lado, indica uma inclusão na mídia televisiva e não se podem negar seus vários aspectos positivos; por outro lado, vem ocasionando muita preocupação entre a maioria de pais, mães, responsáveis e professores, porque o que se constata é que, as crianças da faixa etária entre os três e os doze anos de idade ficam grande parte do dia e da noite expostas à



ISSN 1981 - 3031

mídia televisiva, assistindo programas cujos conteúdos muitas vezes não são apropriados para a idade.

Pesquisas realizadas mostram que há uma deficiência e até inadequação no uso desse recurso midiático do ponto de vista pedagógico, pois é principalmente na escola que há uma desvalorização de tal recurso e sem falar numa escassa formação dos professores para lidar com a linguagem televisiva. Considerando que no horário matutino a programação televisiva é quase que toda voltada para esse público, com programas como TV Globinho, Bom dia e Cia, e outros em canais educativos, a escola não pode se ausentar de sua responsabilidade em formar os professores e orientar os alunos para uma leitura crítica do mundo que o rodeia.

É fato que a maioria das nossas crianças não tem acesso a uma programação de qualidade e muito menos educativa para assistir, permanecendo muitas ou quase toda vez, limitados a assistir a TV aberta que quase sempre não é educativa. Porém não se pode negar que a TV é também um lugar privilegiado de aprendizagens diferenciadas; apesar de não ser bem utilizada. Para Labov (1983), a variação existe em todas as línguas naturais humanas, é inerente ao sistema linguístico, ocorre na fala de uma comunidade e, inclusive, na fala de uma mesma pessoa. Assim, quando falamos em Língua Portuguesa estamos falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.

Para fazermos a pesquisa além da aplicação de questionário realizamos entrevistas orais com as crianças. Adotamos a entrevista porque entendemos que só a adoção de questionários não seria o bastante para contemplar os aspectos da fala, por isso durante a aplicação do questionário, íamos indagando as crianças.

Segundo Rocco (2004) uma crítica comumente atribuída a TV é de que ela torna homogênea as mentes, os pensamentos e a imaginação das crianças, em virtude de que essas passam um longo período diante da telinha, entretanto cabe lembrar que não se tem comprovado dados que comprovem essa posição, uma vez que as crianças não



ISSN 1981 - 3031

são meramente passivas, alheias a sua realidade. Rocco (2004) desmente isso afirmando que esse é “um mito mal discutido”, apenas cristalizado e esclarece que os meios de comunicação interagem, influenciam como do mesmo modo recebem influências de seus receptores. Não existindo, porém um poder de dominação total, uma autoridade absoluta por parte desses veículos de massa.

Temos conhecimento que muitas vezes atribuiu-se à TV a culpa pelo baixo nível de leitura das crianças, bem como o gosto pela mesma, entretanto Rocco esclarece que:

O encantamento com a leitura é de outra natureza, diferente daquela experimentada diante do vídeo. Ainda que ambos os textos [...] se constituam como realizações de arte [...] são, no entanto, bastante diversas as relações que os indivíduos estabelecem com esses dois tipos de representação do real [...] cujas especificidades são tão diferentes. (ROCCO, 2004, p. 85)

As crianças dedicam à TV 1/3 do tempo em que permanecem acordados. As crianças passam em média de 35h à 49h semanais diante da TV. O total dessas crianças entre 07 e 08 anos assistem à televisão a cada dia, sendo que 93% assistem a mais de 7 horas diárias em média e para quase a totalidade desses indivíduos, ela representa a única atividade do seu tempo livre, única forma de lazer

Nesse contexto, Férres (1996) indaga

[...] se uma escola não ensina a assistir à televisão para quer mundo está educando? A escola tem a obrigação de ajudar as novas gerações de alunos a interpretar os símbolos da sua cultura [...]. Se educar exige a preparação dos cidadãos para uma integração reflexiva e crítica na sociedade, como serão integrados os cidadãos que não estiverem preparados para realizar de forma crítica aquela atividade à qual dedicam à maioria do seu tempo? (p. 09)

Atualmente não só nossas crianças estão imersas nesse quadro de consumo de várias horas de TV, mas todos os cidadãos consomem várias horas diárias de mensagens audiovisuais, no entanto, o estudo desse recurso como visto na própria pesquisa



ISSN 1981 - 3031

permanece distante da instituição de ensino. O que demonstra o atraso da escola com relação a esse recurso que faz parte da vida diária dos brasileiros, especialmente dos pequenos. Se por um lado se busca estratégias para o problema do analfabetismo, o trabalho com a imagem foi esquecida, ocultado pelo trabalho pedagógico, provocando “analfabetos na imagem”. Rocco, ao abordar questões entre TV e linguagem, explica que é comum afirmasse que a televisão

[...] é o mais alienante veículo contemporâneo de comunicação social. A televisão aprisiona o indivíduo tornando-o um ser passivo, inerte, sem capacidade própria de imaginação. A televisão pensa pelo indivíduo. A televisão rouba às crianças e adultos o tempo que seria dedicado à leitura e à reflexão! Bloqueando entre os menores, grande parte da capacidade imaginativa. (1999, p. 1)

Porém, a autora é enfática em assegurar que essa linha de pensamento descrita não leva a nada, pois

A televisão é uma janela para o mundo. Ligamos um botão e trazemos a realidade para dentro de nossas casas. A televisão ensina mais e melhor que a escola. A televisão, de modo sedutor, sintetiza o mundo e as emoções, substituindo até mesmo o contato com as pessoas, principalmente entre os indivíduos da terceira idade. (idem)

TRABALHO DA PROFESSORA

No decorrer do trabalho de campo, percebemos que a professora demonstrava preocupação com o conteúdo a ser ensinado e sua sequência, com organização do trabalho, bem como com a alfabetização das crianças. Ela sempre pedia que os alunos lessem mais de uma vez. Entretanto, os exercícios eram pouco explorados, pois antes mesmo de as crianças tentarem responderem, a professora dava a resposta.

Chama atenção que ao escrever no quadro, na maioria das vezes, a professora ora não acentua as palavras, ora não faz a concordância verbal e nominal das frases, apresentando alguns casos de variação linguística tanto na fala quanto na escrita. Fato



ISSN 1981 - 3031

explicável, como salienta Bortoni-Ricardo (2004) ao elucidar que na sala de aula encontramos grande variação no uso da língua, assim, até mesmo os professores que têm um papel social de ascendência, estão submetidos às regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não-verbal. Nota-se que, na maior parte das vezes que ocorre variação da professora é no momento que há eventos de estrita oralidade, onde ela faz intervenções curtas para manter a disciplina da sala ou para dar informações, explicar as atividades para os alunos como uma forma de obter um melhor relacionamento e para que os alunos a entenda. Ao interagir com as crianças percebe-se uma ampla gama de variação linguística. Nos eventos de leitura nota-se um maior grau de monitoração estilística por parte da professora, que busca expressasse de forma mais padrão.

O que diz a pesquisa:

Na pesquisa realizada com alunos para obtenção de dados a respeito do consumo midiático, os resultados apontam que a televisão é o meio de comunicação mais visto pelos alunos. O fato de assistir TV ocupa o primeiro lugar na escala de atividades à qual os sujeitos entrevistados dedicam mais tempo. Entre os diversos gêneros que compõem um menu de programas assistidos nas sete horas, em média, diárias que os alunos passam diante da telinha obtendo informações, mensagens dos programas dos meios de comunicação de massa.

Constatou-se que em média nos lares que essas crianças estão inseridas existe de uma a 02 TVs por lar, o que vem mostrar que a relação que as crianças têm com os meios de comunicação em massa precisa ser revista e analisada por diferentes ângulos de investigação. É Ferres que nos explica que hoje:

A televisão tornou-se o instrumento privilegiado de penetração cultural, de socialização, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores, de colonização. Por isso é surpreendente que a instituição escolar não tenha somente deixado que essa hegemonia na educação lhe fosse



ISSN 1981 - 3031

usurpada, mas que ainda assista impassível, ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações. (1996, p. 10).

Como fica claro, a escola permanece fechando os olhos a presença da mídia televisiva na vida cotidiana dos alunos. Pode-se perceber que na verdade, a cultura audiovisual ainda não adentrou nos muros das instituições escolares e desse modo as crianças continuam sem orientação na hora de assistir a programação televisiva que tanto influencia e modificam o ambiente e nossa própria vida.

Chamou-nos atenção o tempo gritante que as crianças entrevistadas ficam diante da TV, a pesquisa apontou que as crianças passam em média 7 horas diárias se entretendo em frente a esse meio de comunicação. Por isso, se faz necessário repensar a educação que está sendo dadas a essas crianças, uma vez que elas passam mais tempo assistindo TV que na escola ou brincando como qualquer criança nessa faixa etária.

É importante salientar que a TV também educa e vem contribuir para o bem, o que ocorre muitas vezes é de o teor dos conteúdos ou a maneira como são usados acabam tornando-se inapropriados ou não são adaptados para o público infantil. Por isso, os professores precisam estar preparados para essa nova demanda de educação e para tanto precisa entender a linguagem televisiva, e a variação linguística, pois muitas vezes as crianças falam e agem de acordo com o que assistem, podem imitar o que vêem como usar os jargões, “falares” e imitam os estilos dos personagens que vêem.

Contudo, no que podemos observar com relação à linguagem televisiva e sua influência no repertório linguístico dos alunos, o que pode ser constatado é que não há uma influência significativa na variedade usada pelos alunos, pois eles apresentam traços linguísticos característicos da região da qual fazem parte, no caso estudado, do nordeste brasileiro, especificamente de Alagoas, onde o que mais predomina são traços referentes à concordância verbal que difere do “português padrão”.

Segundo Férres (1996), algumas das sequelas negativas decorrentes de uma longa exposição ao meio televisivo não deixam dúvidas devido ao seu caráter



ISSN 1981 - 3031

unidirecional. Para esse autor, eles poderiam afetar: a linguagem, já que o telespectador que assiste a muita televisão bloqueia o exercício de expressão verbal necessário para esse aprendizado. Assim, é possível que exista uma correlação entre a televisão e a pobreza de linguagem na grande maioria das crianças. Outro efeito diz respeito à brincadeira e ao jogo, devido ao fato de que são fundamentais para o desenvolvimento da criança pelo que significa em termos de interação, de experimentação. A criança que assiste muito não interage, não pesquisa, não descobre. Há ainda outro fator negativo que se refere à razão, pois o excesso de televisão bloqueia a capacidade reflexiva, provocando, quase que exclusivamente respostas baseadas nas emoções, nas pulsões e na sensibilidade. (FERRÉS, 1996, 85-86).

Diferentemente de Ferrés (1996), que diz que a TV influencia nos usos linguísticos, Rocco (s. d.) argumenta que a TV não afeta a linguagem das crianças de forma significativa. Dizer que a televisão influencia na linguagem é um aspecto que pode ser questionado. Considerando que a constituição e o desenvolvimento do desempenho linguístico de um falante em sua língua materna é feita por meio da relação interpessoal, do contato, da relação com o outro e pela interação social que os indivíduos têm ao longo de suas vidas. Assim, a TV não “danificar” o desenvolvimento linguístico da criança, pois as crianças continuam falando às variedades que usam no meio social, nas interações.

Outros fatores sim influenciam na variação linguística dos alunos como afirma Bortoni-Ricardo (2004) como a idade, sexo, status socioeconômico, nível de escolarização, rede da qual faz parte, entre outros. É certo que as crianças pesquisadas ficam de frente desse recurso midiático mais de 49 horas semanais. Entretanto, isto não significa que elas gastem todo este tempo assistindo a programação.

Com base nos dados coletados, dentre o total de crianças entrevistadas pode-se concluir que 90% das crianças citaram como programa preferido o Pica-Pau, cujo personagem oscila entre ser bom e mau, mocinho e vilão, quase sempre sai vitorioso,



ISSN 1981 - 3031

irrita e nunca morre. Passam-se anos e o pica-pau continua atraindo a atenção das crianças. O programa pica-pau, na época da pesquisa era exibido pela rede Record de segunda a sexta-feira em dois horários, no horário da tarde no Record Kids (das 14h20 às 15h45) e à noite das 19h00 às 20h15 (turma do pica-pau). Durante os sábados o programa ia ao ar às 13h40 permanecendo até 16h00. Assim, percebe-se o sucesso que o programa faz entre as crianças e até mesmo entre os adultos, pois se tem uma programação especial durante toda a semana, perdurando até os sábados.

Os programas citados pelas crianças além do pica-pau foram: os desenhos da TV Globinho (Bob esponja, padrinhos mágicos, homem Aranha, Power rangers, Dragon Ball Z, três espíãs demais), novelas (Os mutantes, Chamas da Vida, Três Irmãs, A favorita), Chaves, Pica-pau, desenhos do Bom dia e Cia (Titãs, Barbie, poli, Super choque, etc.) filmes, além de jornais. A escolha da novela Caminhos do coração é também frequente, por envolver ficção e trabalho com o lúdico, apesar das cenas constantes de violência. Há ainda a preferência pelo jornal, apesar de ser de uma só criança, que justificou sua escolha pela importância dele na educação, afirmando que nos jornais passam coisas que servem e alertam que “as coisas escolares são boa para as crianças”, essa criança foi à única que não escolheu o pica-pau como programa favorito, trocando-o como vimos pelos jornais e por programas da TV educativa.

Todos os entrevistados asseguraram gostar dos programas citados pelo fato de ser interessantes e passar “coisas divertidas”. O número de crianças que não têm o hábito de assistir a TV não chega a 1%, pois a maioria são telespectadores assíduos. Calcula-se assim que essas crianças passem durante o ano 2352 horas diante da TV, enquanto que, com base nos dados da pesquisa, 800 horas em sala de aula, números esses alarmantes. Deve-se esclarecer que tais números refletem médias estimadas e individualmente esses números podem sofrer diferenças para mais ou para menos.

Do ponto de vista educacional, o que mais preocupa é que os maiores consumidores de televisão costumam serem as pessoas culturalmente menos preparadas,



ISSN 1981 - 3031

economicamente e socialmente mais pobres que se vêem “obrigados” há ficarem mais tempo expostos a tal mídia, dizemos isso pelo fato de por não terem tantos recursos e meios para usufruir outros meios de entretenimento, educação e lazer, essas pessoas ficam mais expostas à televisão. É notório nesse caso que as crianças da entrevista por serem mais pobres economicamente assistam mais à televisão do que as crianças pertencentes à classe média ou rica.

No que concerne a preferência pela linguagem televisiva ou da escola o resultado foi favorável à preferência pela linguagem da escola, sendo 66,7% dos alunos que optaram pela linguagem usada na escola em comparação a da TV; 33,3% afirmaram escolherem a linguagem utilizada pela mídia televisiva em detrimento a linguagem usada pela escola, por considerarem a linguagem dessa mais fácil e divertida. Essas possuem em suas casas pelo menos um aparelho de TV. Dado que ratifica as informações do IBGE que citamos anteriormente.

As emissoras (Globo, SBT e Record) que transmitem os desenhos mais assistidos pelas crianças não oferecem em geral uma programação educativa, do ponto de vista pedagógico, pois favorecem o entretenimento e não com apresentações que excitam o raciocínio e a posição crítica.

Segundo dados da pesquisa, o gênero "desenho animado" é o favorito de crianças. Isso se deve ao fato de como afirma Guimarães (2001) esse gênero tem uma configuração textual da narrativa que é usada em larga escala pelos programas de televisão. Assim a configuração textual usada no gênero desenho animada, a narrativa, tende a facilitar a produção de um discurso que se aproxima do discurso lúdico e difere da forma textual descritiva que é muito usada na escola. Desse modo a TV prende a atenção dos alunos por ter uma linguagem compreensível, lidar com a magia, o lúdico, a imaginação das crianças. O segundo gênero dentre os programas mais citados pelas crianças foi o gênero novela.



ISSN 1981 - 3031

Segundo Lopes (2003), a TV intervém deliberativamente no nível da estruturação das relações sociais orais: o da apresentação da variedade discursiva da língua e da legitimação desta própria variedade. Para esse autor, ao disseminar discursos de personalidades tão variadas como ministros e camponeses, crianças, jovens e velhos, mineiros e cariocas, brasileiros e estrangeiros, a TV põe o seu espectador ante o panorama de uma língua variável e autêntica pela sua própria reprodução pública, contrariando a exclusividade de valorização social do modelo escolar da língua oral.

O que pode ser observado é que a TV de certa forma influencia no desenvolvimento do diálogo verbal, na expressão oral e comunicativa, pois a maioria das crianças não possuía um vocabulário amplo, visto que ao fazer as perguntas elas se limitavam a responderem bom ou ruim, fácil ou difícil, mas não se pode dizer que a variedade linguística seja influenciada quando a criança entra em contato com os diferentes personagens ou discursos variados que estão na televisão. Com exceção de uma das crianças que demonstrou um maior desempenho expressivo e justificava todas as opções por ele escolhidas, como por exemplo, ao ser questionado do por quê preferir jornal e desenhos educativos a outros programas, no qual justificou sua escolha afirmando que esses programas são melhores para as crianças devido ao fato de possibilitarem maior desenvolvimento e pelo fato de ter assistido no jornal que as “coisas educativas são melhores para as crianças”. O que mostra que a TV produz efeitos maléficos ou benéficos, dependendo do que se assiste, quem assiste e como se assiste.

A ocorrência de alguns programas serem considerados mais interessantes que os outros segundo Guimarães (2001) se deve ao fato de que os programas que atraí menos a atenção das crianças são aqueles que se constitui de práticas de linguagem instituídas pela maioria das escolas.

O discurso pedagógico contém nele mesmo as expectativas enquadradas, não parte de expectativas que seriam as de todos... Marcando os lugares sociais no



ISSN 1981 - 3031

dizer, diferente do discurso televisivo, que tende a ser restrito, no sentido de partir do que pode ser comum a todos e, assim permitir a polifonia. (GUIMARÃES, 2001, 29)

Assim diferente do discurso lúdico dos programas infantis, na escola existe a obrigação de fazer o que está estabelecido, o que provoca um maior distanciamento da linguagem usada pelos programas preferidos pelas crianças. Até porque TV é entretenimento, não se liga à TV para se chatear ou aprender. Assim, quando o pica-pau está no ar ele é o preferido das crianças, por ser cômico, enérgico, astuto. Isso se comprova nas afirmações das crianças entrevistadas que disseram gostar mais do pica-pau a outros personagens, pelo fato de o mesmo ser: divertido, interessante, animado, engraçado e pelo fato de ser fácil de entender sua linguagem, além de gostarem das palhaçadas que faz, pelo modo como fala, “pela graça” segundo a maioria das crianças. Apesar de reconhecer esse e outros desenhos como detentores de uma linguagem compreensível e fácil de entender, as crianças entrevistadas disseram que a linguagem falada por tais desenhos é uma linguagem bonita, apesar de possuir algumas diferenças da variedade que usam, o que as levou a denominar as variedades usadas pela TV com algo “estranho”, “bonito”, “diferente”, entre outras denominações.

Quanto ao padrão linguístico vinculado pelos programas pode ser tido como característico de uma norma padrão de linguagem, que se encaixa na narrativa. Esse padrão linguístico se revela às vezes menos ou mais culto ou formal dependendo do gênero vinculado ao programa, não se verificando em tais programas “desvios” gramaticais graves que fujam a essa norma padrão, notando que existe alguns “desvios” bastante comum no uso da oralidade, o que ocorre em qualquer meio. O que vem a constatar que a televisão não provoca nas crianças entrevistadas casos de mudanças de variação linguística.

Se a TV realmente ensinasse a falar, os falares e as variedades regionais com certeza já teriam desaparecido, visto que as crianças e até mesmo os adultos passam



ISSN 1981 - 3031

muito tempo expostos. Pois os que mais “consomem” “TV” são os grupos menos privilegiados social, cultural e economicamente desprovidos de todos os recursos, e esses na verdade são os que mais falam as variedades não padrão que tornam o falar tão bonito e característico, quebrando a padronização. As pessoas ainda falam “bão, ocê, a gente fomos, nós vai, para mim fazer, assubir”... Que são marcas características do falar popular, especialmente do Nordeste. Se fosse assim falaríamos “igual”, em virtude de que todos nós assistimos TV em maior ou menor grau. E sabemos que isso não ocorre. Considerando que a variante linguística que prevalece é aquela que o indivíduo usa na relação e em contato com o grupo de qual faz parte e não as variantes que são externas a ele, nesse caso da TV. Apesar de algumas vezes repetirem palavras veiculadas na TV, essas não fazem parte do seu repertório linguístico ou chegam a interferir na variação linguística dos alunos observados.

Assim, a TV não ensina língua materna ao falante que a assiste. Sabe-se que o tempo que as crianças permanecem ante a TV é muito maior do que o tempo que dedicam as atividades de jogos, ao lazer as brincadeiras e ao próprio estudo. Assim a criança que assiste a muita a programação televisiva fica limitada e se não for acompanhada fica passiva perante essa mídia, perdendo a ludicidade, o desenvolvimento do diálogo verbal e até mesmo a criatividade.

Segundo Costa (2005) é nesse cenário da presença massiva das mídias que a educação tem que rever seu paradigma letrado e adentrar o campo das imagens e das linguagens tecnológicas para que possa ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: uma eurocentrada baseada na escrita como forma de produção e controle do conhecimento; e outra, globalizada, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias da comunicação, dentre as quais se afirmam cada vez mais os meios audiovisuais, especialmente a TV (COSTA, 2005, p.21).

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA



ISSN 1981 - 3031

A partir da análise dos dados, podemos constatar que os alunos entrevistados têm dificuldade de escrita e até mesmo de se comunicarem verbalmente, o que não indicou em nenhum momento que fossem influenciados pela linguagem televisiva. Os resultados também apontam que essas crianças da escola pública passam muito tempo diante da telinha e que a escola ainda não têm se servido das orientações presentes nos documentos oficiais para nortear suas práticas, assim sendo, suas metodologias de ensino estão baseadas no ensino português-padrão limitado a gramática, não transpondo ou usando a televisão ou qualquer outro recurso para trabalhar informações veiculadas e conhecimentos sobre variação linguística em suas aulas, ou outros conteúdos significativos, evidenciando que eles ainda não sabem como realizar a transposição didática de temas da televisão incluído ao ensino da língua materna.

Porém, a superexposição à televisão não chegou a influenciar a(s) variedade(s) usada (s) pelas crianças entrevistadas, o que se pode constatar é que ela influencia na linguagem verbal, na forma expressiva e comunicativa, no diálogo. Pois, as crianças obtiveram uma enorme dificuldade em se expressarem.

Com base na bibliografia adotada e na pesquisa prática, podemos concluir que a televisão influencia em vários aspectos da vida desses alunos, não sendo detectada mudança ou variação na linguagem usada pelos alunos do Ensino Fundamental que participaram da pesquisa. Porém, cabe ressaltar que essa não pode ser tida como resposta definitiva e absoluta, carecendo de cada vez mais pesquisas nesse campo, pois televisão e sua influência na linguagem verbal, especificamente influencia nas variedades linguísticas, não costumam ser investigada.

A influência da TV dependerá de como ela é utilizada, o que incube de escolher programas que estão em relação com conteúdos significativos, que apresentem diferentes variedades e o respeito pelas mesmas, o que exige que os professores conheçam a programação televisiva e as variedades regionais.



ISSN 1981 - 3031

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BORTONI-RICARDO. Stella Maris. Educação **em Língua Materna**: A Sociolingüística na Sala de Aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO. Stella Maris; DELTTONI, Rachel do Valle. **Diversidades Lingüísticas e Desigualdades Sociais**: Aplicando a pedagogia Culturalmente Sensível. In: COX, M. I. P; ASSIS-PETERSON, A. A. de. (org). *Cenas de sala de aula*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2001.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Disponível em: http://ibge.gov.br/ibgeteen/em_debate/televisao/home.html . Acesso em 24/05/2007.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005; v. 12/coord. geral Adilson Citelli, Lígia Chiappini.

GUIMARÃES, Gláucia. **TV e escola**: discursos em confronto. 3ª Ed. São Paulo. Cortez, 2001.

FÈRRES, Joan. trad. Beatriz Affonso. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LABOV, W. Estágios na Aquisição do Inglês *Standard*. In: FONSECA, M S V; NEVES, M.F. (Org.) **Sociolingüística**. Rio De Janeiro: Eldorado, 1974.

LABOV, W. **Modelos Sociolingüísticos**. Madrid: ediciones Cátedra. 1983. Traducción de José Miguel Herreras. Título original: *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.



ISSN 1981 - 3031

LEITE, M. **A Influência da Mídia na Educação**, 2000. Disponível em:
<http://www.tvebrasil.com.br/educacao/artigos/artigo9.htm>. Acesso em 10/02/2007.

LOPES, José de Souza Miguel. **A TV na sala de aula**: novas configurações para o saber oral revista on-line *Complexus*, vol. 1, nº 1, UNILESTE-MG, out/dez 2003 (11 págs.) disponível em: http://www.unilestemg.br/revistacomplexus/textos_revista01/07artigo01_jose_miguel.doc. Acesso em 15/05/08.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. da. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão – a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. 3 ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o Tratamento da Variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Ensino de língua materna**: qual a influência da tv? *Rencontres*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 103-110, 1993.

_____. **Que pode a escola diante do fascínio da TV?** *Revista Idéias*, São Paulo, v. 9, p. 53 - 62. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_053_a_062.pdf, a. Acesso em 20/06/08.

_____. **Poder e onipotência da televisão**: inquietações no ar. In Maria Helena Martins (org.). *Questões de Linguagem*. 7ª ed. – São Paulo: Contexto, 2004.



ISSN 1981 - 3031